

Terrorismo

1. Texto de referência: The Globalization of world politics

Definições

Não é uma definição precisa dizer que a globalização é responsável pelo terrorismo, mas as tecnologias associadas à globalização vêm sendo exploradas pelos terroristas. Essas tecnologias, em particular, contribuíram para a melhora das habilidades terroristas de trabalharem juntos, dividir informações e alcançar impensáveis audiências.

Terrorismo é uma arma de fracos, conduzida por uma minoria de indivíduos que promovem ideologias extremas e geralmente falham em lograr mudanças políticas.

Terrorismo é caracterizado, antes de qualquer coisa, pelo uso da violência. Essa tática de violência toma diversas formas e frequentemente visa alvos não combatentes indiscriminadamente.

Historicamente, o terrorismo foi conhecido como violência estatal contra cidadãos durante a Revolução francesa. Nos últimos tempos, o termo está associado a pequenos grupos que usam a violência para atingir mudança política.

Terrorismo se difere de violência criminal pelo seu grau de legitimidade política. Aqueles que são alvo de terroristas são menos inclinados a ver qualquer justificativa e menos ainda legitimidade. Como resultado, o termo terrorismo tem um valor pejorativo que é útil na deslegitimação daqueles que cometem esses atos.

A dificuldade de se chegar a um consenso sobre a definição de terrorismo e seus diferentes propósitos e métodos contribuem para piorar o consenso sobre o tema.

Existem 4 tipos de organizações terroristas atualmente operando pelo mundo, caracterizadas principalmente pela sua fonte de motivação:

- terroristas de esquerda
- terroristas de direita
- terroristas separatistas e etno-nacionalistas
- terroristas "sagrados" ou religiosos

Assim como outras formas de guerra irregular, terrorismo é desenhado para atingir mudança política com o propósito de obter poder e acertar um cenário visto como distorcido. Terrorismo, no entanto, é a forma mais fraca de guerra irregular para alteração da paisagem política. A razão dessa fraqueza está no fato de que os terroristas raramente possuem amplo suporte da população que caracterizam a insurgência e a revolução. Grupos terroristas frequentemente não tem esse suporte por terem objetivos de mudanças baseados em ideais radicais que não tem apelo amplo. De forma a influenciar a mudança, terroristas devem provocar repostas drásticas que atuam como um catalisador de mudanças ou enfraquecimento da moral do oponente. Muitos

Líderes terroristas esperam que suas ações levem à reações desproporcionais pelo Estado que levam ao desafeto público ou internacional e aumenta o suporte á sua causa.

Campanhas terroristas, porém, normalmente levam décadas ou anos para atingir resultados significativos e a quantidade e natureza da força usada pode ser problemática. Eles correm o risco de cair na obscuridade se não galgam espaço junto ao público ou se não conduzem ataques merecedores de noticiários.

Key points

Concordância no que consiste o terrorismo continua a ser difícil dada a abrangência dos potenciais atos envolvendo violência.

Terrorismo, ou atos de violência por grupos subestatais, foram separados de atos criminais, com base nos propósitos pelos quais a violência é aplicada, nomeadamente, mudança política.

Grupos terroristas têm sucesso quando suas motivações ou ambições são percebidas como legítimas por uma grande audiência. Respostas desproporcionais ou linha-dura por parte dos Estados à atos terroristas servem para legitimar grupos terroristas.

A definição de globalização, bem como a de terrorismo, está aberta a interpretações subjetivas mas as tecnologias associadas à globalização melhoraram as capacidades terroristas.

Fenômeno global

3 fatores levaram ao nascimento de terrorismo transnacional em 1968:

- a expansão do deslocamento aéreo comercial
- a disponibilidade da cobertura televisiva de noticiários
- amplos interesses políticos e ideológicos entre extremistas que se intersectaram em torno de uma causa comum.

Apesar da cobertura da mídia ser colocada como o oxigênio que sustenta o terrorismo, terroristas perceberam que as audiências e repórteres perderam o interesse ao longo do tempo por performances repetitivas. De forma a sustentar o interesse do espectador e competir por cobertura, grupos terroristas vem realizando ataques cada vez mais espetaculares.

Experts em terrorismo especulam que líderes terroristas entenderam que ataques com casualidades massivas e horrendas podem cruzar o tripé da violência. Isso pode explicar porque somente um número pequeno de grupos terroristas se engajam em adquirir ou usar armas de destruição em massa. Grupos terroristas descobriram também que ataques transnacionais são contraproducentes em atingir propósitos locais.

Key points

A maioria dos ataques terroristas transnacionais de 1979 adiante tiveram como alvo cidadãos norte-americanos e seus símbolos.

Tendência de terrorismo desde 1968 incluem maiores baixas com maior sofisticação e ataques suicidas

Grupos marxista-leninistas transnacionais foram substituídos por grupos terroristas de militantes islâmicos.

O impacto da globalização

Al Qaeda: Rede flexível de grupos e células franqueadas de militantes islâmicos

Explicações culturais

As mudanças associadas com a globalização e a disseminação de do capitalismo de livre mercado aparece para sobrepujar a identidade ou valores de grupos que percebem a si mesmos como perdedores no novo sistema internacional.

Quando indivíduos percebem sua própria civilização como fraca, insegura ou estagnada e a interação entre civilizações fracas e fortes é muito alta, o conflito é inevitável.

Explicações econômicas

Outros vêm os aspectos econômicos como a motivação crucial no uso de violência para efetivar mudança política. Apesar de a globalização prover acesso a um mercado global de bens e serviços os resultado também é percebido como um Imperialismo Econômico Ocidental.

Riqueza também é ligada á segurança pessoal e violência. Com pequenas possibilidades de atingir riqueza localmente, indivíduos vão se locomover para perseguir oportunidades em outros lugares. O resultado é a imigração e/ou rápido crescimento dos centros urbanos burgueses que geram corredores para o fluxo dos recursos globais. Movimento, no entanto, não é garantia que as aspirações individuais serão realizadas. Nesse caso, indivíduos se focarão na violência por motivos políticos ou criminosos. Nessa perspectiva, violência terrorista é motivada por desigualdades na economia global.

Explicações religiosas

Alguns terroristas são movidos por razões religiosas a matar tantos incrédulos quanto possível. Novo terrorismo que alguns autores chamam de jihad, são vistos como reação à opressão percebida pelos muçulmanos ao redor do globo e a bancarrota espiritual do ocidente. Quando a globalização se dissemina e as sociedade se tornam crescentemente interconectadas os muçulmanos tem uma escolha: aceitar as crenças ocidentais para se integrarem melhor ou preservar sua pureza espiritual se rebelando.

O terrorismo secular tem tido como seu objetivo perseguir o poder de forma a corrigir falhas na sociedade mas reter o sistema arcaico. Terroristas religiosos, em contraste, não buscam modificar mas substituir a estrutura normativa da sociedade.

Key points

Aspectos culturais, econômicos e religiosos provêm necessárias mas insuficientes explicações, individualmente, para a violência global terrorista.

A recente onda de violência terrorista usa a religião como motivador e para prover justificativa para matança de não combatentes.

O propósito ultimo para a violência islâmica militante moderna é aplicada obtendo-se poder político para conduzir reformas políticas, econômicas, sociais e religiosas de acordo com a Sharia Law.

Tecnologia, Globalização e terrorismo

Os avanços tecnológicos associados á globalização tem aumentado as capacidades dos grupos terroristas de planejar e conduzir operações com muito maior devastação e coordenação que seus predecessores poderiam imaginar. Particularmente, tecnologias tem aumentando as capacidades dos grupos e células nas seguintes áreas: doutrinação, coordenação, segurança, mobilidade e letalidade.

Doutrinação

grupos terroristas conseguem simpatia e suporte nos limites nacionais ou em países vizinhos para sustentar esforços. Sustentar causas terroristas tem sido, tradicionalmente, e mais difícil já que as mensagens terroristas, objetivos e ambições tendem á ser extremistas e menos apelativas que aquelas das insurgências.

Estados tradicionalmente tem tido vantagens na sua habilidade de controlar informações e usar seus recursos para vencer as guerras de corações e mentes contra os grupos terroristas. Líderes terroristas entendem como a internet tem mudado essa dinâmica. Essas mudanças são novas formas de empoderamento dos grupos terroristas que trazidas pela globalização em volume, alcance e sofisticação, potencializaram a propaganda.

Coordenação

Na era do terrorismo transnacional, grupos planejaram e conduziram ataques individuais ou montaram ataques múltiplos por uma mesma base. As tecnologias associadas à globalização tornaram as células terroristas capazes de montar ataques coordenados em diferentes países. Ao invés de uma organização hierárquica com bases fixas de treinamento, o que se desenvolveram foram comunidades virtuais globais de militantes islâmicos de prática caracterizada por indivíduos trocando informações e discutindo as melhores formas de coordenar e conduzir ataques.

Segurança

Células terroristas sem precauções de segurança adequadas são vulneráveis á descoberta e detecção. A segurança de organizações terroristas tem historicamente sido preservadas por comunicação limitada e troca de informações entre células. Isso assegura que se uma célula for comprometida seus membros só conhecem a própria identidade e não aquelas das outras

células. Assim, o estrago feito à organização é minimizado. Segurança é ainda mais importante para células clandestinas operando por conta própria sem uma direção central.

Mobilidade

Mobilidade sempre foi uma consideração crucial para terroristas e insurgentes uma vez que os estados tem recursos superiores de localizá-los.???

Letalidade

Na era transnacional, terroristas podiam obter armas avançadas para conduzir ataques ainda mais letais. Incluindo rudimentos radiológicos (dirty bombs), armas biológicas e químicas, mas eles não o fizeram. As razões precisas do porquê essas armas não foram usadas durante esse período não são claras. Experts especulam que os lideres terroristas entendiam que quando mais letal fossem seus ataques maiores as probabilidades do Estado ou a comunidade internacional os caçar e os erradicar.

Na ausência de armas de destruição em massa, a globalização facilitou o acesso à armas, recursos e proficiência para conduzir menores mas mais letais ataques.

Key points

Elementos da globalização que permitem o rápido intercambio de idéias e bens podem também ser utilizadas por grupos terroristas.

As tecnologias associadas à globalização permitem aos terroristas operarem num rede global de lata distribuição que compartilha informações e permite a pequenas células conduzir ataques coordenados altamente letais.

A globalização pode permitir a alguns terroristas adquirir, produzir e usar armas de destruição em massa de forma a conduzir ataques catastróficos.

Combatendo o terrorismo

Estados discordam em quais seriam as melhores formas de lidar com as formas correntes de violência terrorista. Os líderes dos EUA, Grã-Bretanha e Austrália sugerem que todos os Estados devem cooperar num guerra ao terror global para lidar com a ameaça. Isso resultaria numa Rede Global de Contra-terrorismo de Estados capazes de detectar, rastrear e eliminar ameaças terroristas enquanto esforços não militares seriam direcionados a atacar as raízes dos terrorismo.

Outros líderes nacionais ficam menos confortáveis com o conceito de guerra contra o terrorismo. Em sua visão, ações militares levarão somente a represálias terroristas ou pior – o retorno do terrorismo a sua conotação original, o uso sancionado do terror pelo estado para repreender seus cidadãos. Por esse olhar, terrorismo é um crime que é mais bem lidado através de métodos de reforço da lei. Lidando com o terrorismo como um problema de polícia, estados reverenciam a regra da lei, mantêm um alto moral, preservam os princípios democráticos e previnem o estabelecimento de lei marcial. Forças militares devem ser usadas em circunstâncias extremas e

mesmo quando usadas terão conseqüências negativas. Terrorismo é mais bem lidado dentro dos limites fronteiriços e através de esforços de reforço legislativos internacionais cooperativos para prender suspeitos e provê-los de processo DUE??

Ao mesmo tempo, argumenta-se que fazer pouco contra o terrorismo global ou doméstico em nome de manter a preponderância da regra da lei, arrisca oferecer aos grupos terroristas santuários e a segurança de direitos e leis.

Na pratica, os maiores problemas residem em localizar terroristas e isolá-los de seus meios de suporte. Localizar e identificar terroristas é um processo tedioso e que consome tempo, na medida em que requer coleta, tratamento, acesso e análise de informações coletadas de uma amplo leque de recursos. As tecnologias tem sido úteis nesse processo, permitem a identificação de padrões terroristas antes e depois dos ataques. Descobrir terroristas, no entanto, tem muito a ver com sorte e perseguição de pistas não técnicas.

Key points

Estados, individualmente e coletivamente, tem vantagens políticas, econômicas, militares, legais, e tecnológicas na luta contra grupos terroristas.

Diferenças entre estados pela natureza e escopo das atuais ameaças terroristas e as mais apropriadas respostas para seu combate, refletem caracterizações subjetivas baseadas em biases e experiências nacionais.

Conclusão: o desafio para a comunidade global será em utilizar as vantagens para ganhar a guerra de idéias que motivam e sustentam aqueles responsáveis pelas atuais ondas de violência terrorista.

Kydd, Andrew & Walter, Bárbara F. (2006) "The Strategies of Terrorism"

Terrorismo frequentemente funciona. Segundo os autores, organizações terroristas engajam no terrorismo pois se costuma atingir aquilo que se deseja. Seqüestros de aviões, explosões de ônibus, e seqüestros de indivíduos podem ser vistas como atos irracionais e incoerentes por observadores externos, mas estas táticas podem ser surpreendentemente efetivas no atingimento dos objetivos políticos do grupo terrorista.

Propostas dos autores: escrever sobre as estratégias que as organizações terroristas empregam e as condições nas quais elas são bem ou mal sucedidas.

Estratégias Contra-terroristas não podem ser desenhadas sem que se entenda a lógica estratégica que guia a violência terrorista. Terrorismo funciona não porque insere medo nas populações-alvo mas porque faz com que governos e indivíduos reajam de formas que auxiliam a causa terrorista.

Este artigo visa responder quatro questões: 1) que tipos de metas os terroristas buscam atingir? 2) que estratégias eles perseguem para atingir essas metas? 3) porque essas estratégias funcionam em alguns casos e não em outros? 4) dada essa estratégias, qual é a melhor resposta a ser dada pelos Estados-alvos para prevenir o terrorismo e proteger seu país de futuros ataques?

O cerne do artigo: mostrar que a violência terrorista é uma forma de **sinalização custosa**. Terroristas são tão fracos para impor sua vontade diretamente pela força das armas. Eles são algumas vezes fortes o suficiente, entretanto, para persuadir audiências a fazer o que eles desejam alterando as crenças dessa audiência de que eles tem a habilidade de impor custos altos e apresentam um alto grau de comprometimento com suas causas.

Devido ao fato de os grupos terroristas serem fracos, para suas ameaças serem críveis, eles tem que publicizar o quão longe eles estão dispostos a ir para obter os resultados desejados.

Há 5 lógicas estratégicas principais de sinalização custosa empregadas em campanhas terroristas: 1) atrição (terroristas buscam persuadir o inimigo que eles são fortes o suficiente para impor consideráveis custos se o inimigo permanecer em um determinado curso político); 2) intimidação (terroristas usam a intimidação tentando convencer a população que os terroristas são fortes o suficiente para punir desobediências e que o governo é fraco para detê-los, de forma que o povo passa a se comportar como os terroristas querem); 3) provocação (Uma estratégia de provocação é uma tentativa de induzir o inimigo a responder ao terrorismo com violência indiscriminada, o que radicaliza a população e os move no sentido de dar suporte aos terroristas); 4) *spoiling* (ataques de *spoiling* são um esforço de persuadir o inimigo que os moderados no lado terroristas são fracos e não confiáveis, de forma a solapar as tentativas de se chegar a um acordo de paz) e 5) *outbidding* (grupos engajam-se em *outbidding* para convencer a audiência que os terroristas tem grande resolução para lutar contra o inimigo do que os grupos rivais, e portanto merecem seu apoio).

Martha Crenshaw identifica a propaganda e a provocação como objetivos aproximados, associados ao enfraquecimento do governo, imposição de obediência à população e *outbidding* (sobrepular).

Pelo fato de que falar é barato, estados e terroristas que buscam influenciar o comportamento de um adversário devem contar com sinais custosos. Sinais custosos são ações tão custosas que blefadores ou mentirosos não estão dispostos a realizá-los. Permitem comunicação honesta mesmo que, em diversos momentos, a preços terríveis.

Para obter seus objetivos políticos, terroristas precisam prover informação crível para as audiências cujos comportamentos eles procuram influenciar. Terroristas trabalham com duas audiências chave: governos cujas políticas eles desejam influenciar e indivíduos do lado dos terroristas cujo suporte ou obediência eles buscam ganhar. Os governo-alvo são centrais porque podem garantir concessões sobre política e território que os terroristas estão buscando. A audiência doméstica dos terroristas também é importante, porque podem fornecer recursos ao grupo terrorista e devem obedecer a seus ditames em questões políticas e sociais.

Estratégias:

Atrito: uma batalha dos desejos

A mais importante tarefa dos grupos terroristas é persuadir o inimigo que o grupo é forte e resoluto o suficiente para infligir sérios custos para que os indivíduos cedam às pressões das demandas terroristas. Numa campanha de atrito, quanto maiores forem os custos que a organização terrorista for capaz de infligir, maior sua credibilidade na ameaça de infligir custos futuros, e mais provável será que o alvo cederá grandes concessões.

Condições favoráveis: Uma guerra de estratégia de atrito é mais efetiva contra alguns alvos do que outros. Três variáveis são possíveis de figurar como indicadores: o nível de interesse do estado na

questão em disputa, as restrições em sua habilidade de retaliar e sua sensibilidade aos custos da violência.

Estados com interesses meramente periféricos frequentemente capitulam às demandas terroristas, estados com interesses mais importantes na questão, raramente cedem.

A segunda variável, restrições para retaliação, afetam os custos pagos pelos terroristas para perseguir a guerra de atrito. Organizações terroristas quase sempre são mais fracas que os governos que tem como alvo e, como resultado, são vulneráveis à retaliação governamental. Quanto mais restrito o governo em seu uso de força, menos custoso uma estratégia de atrito será e mais tempo os terroristas poderão se sustentar na esperança de atingirem seus objetivos.

Democracias tendem a ser mais restritas em sua habilidade de retaliar que regimes autoritários.

A terceira variável é o custo de tolerância do alvo. Governos que são capazes de absorver custos mais pesados e sustentar por mais tempo são alvos menos convidativos para a estratégia de atrito. Organizações terroristas são capazes de avaliar um custo de tolerância de um alvo com base em dois fatores: o tipo de regime do alvo e o histórico de comportamento contra outros grupos terroristas.

Melhores respostas para o atrito: ao menos 05 contra-estratégias disponíveis para um estado engajado em guerra de atrito.

1. O estado alvo pode conceder questões não essenciais em troca da paz. Para reduzir os danos à sua reputação, o alvo pode vigorosamente enfrentar outras guerras de atrito sobre questões que se importe mais profundamente, no entanto, sinalizando um desejo de arcar com os custos caso o problema seja de conseqüência suficientemente importante para o estado.
2. Quando a questão em disputa é de interesse profundo do estado alvo e este não quer garantir nenhum tipo de concessões, o governo poderá engajar em retaliação. Essa retaliação pode ter como alvo a liderança do grupo terrorista, seus seguidores, seus recursos e outros objetos de valor. Deve ser tomado cuidado, porém, que a retaliação seja direcionada precisamente ao alvo, pois a organização terrorista poderá esta simultaneamente buscando uma estratégia de provocação. Um resposta dura, indiscriminada pode fazer com que uma guerra de atrito seja mais custosa aos terroristas, mas também atingiria civis inocentes que podem servir para os interesses de recrutamento do terroristas.
3. O estado pode fortalecer alvos possíveis para minimizar os custos que a organização terrorista pode infligir. Se o governo alvo pode prevenir grande parte dos ataques de serem executados, uma guerra de atrito não seria capaz de infligir os custos necessários para convencer o alvo a ceder.
4. Estados deveriam buscar impedir o acesso dos terroristas às armas mais destrutivas, principalmente nucleares e biológicas. Quanto maior a destruição, maior a possibilidade que o alvo irá conceder questões em sucessivo crescimento.
5. Estados podem se esforçar para minimizar os custos psicológicos dos terroristas e a tendência das pessoas de reações superestimadas.

Intimidação: o reino do terror

Intimidação é similar à estratégia da deterrência, prevenindo comportamentos indesejados pelo meio de ameaças e sinais custosos. É mais frequentemente usada quando as organizações terroristas desejam derrubar um governo no poder ou ganhar controle social sobre uma dada população. Funciona pela demonstração que os terroristas tem poder de punir quem quer que os desobedeça e que o governo é

incapaz de detê-los. Terroristas estão frequentemente em competição pelo suporte da população. Um jeito de fazê-lo é prover clara evidência de que a organização terrorista pode matar aqueles indivíduos que continuem a sustentar o regime. Terroristas podem também usar uma estratégia de intimidação para ganhar maior controle social sobre a população. Os terroristas podem se virar para esta estratégia em situações em que o governo vem insistentemente negando para implementar uma política que favoreça um grupo terrorista e os esforços para mudança da política estatal estão sendo em vão.

Condições favoráveis para a intimidação: quando o objetivo é mudança de regime, estados fracos e terreno fértil??? São fatores que podem facilitar a intimidação. Intimidação é passível de ser usada contra civis neutros, para impedi-los de dar suporte ao governo. Quando o objetivo é controle social, estados fracos novamente facilitam a intimidação. Quando o sistema de justiça é falho para efetivamente processar crimes associados à intimidação, as pessoas vão viver no medo ou buscar proteção de atores não estatais como milícias locais ou gangues.

Melhores respostas para intimidação: quando o objetivo terrorista é mudança de regime, a melhor resposta à intimidação é retomar o território dos rebeldes em discretas investidas e num molde decisivo. Ambigüidade sobre quem está no poder deve ser minimizada. (clear-and-holds strategy)

Se os rebeldes controlam sua própria zona e não tem acesso à área do governo, eles não terão incentivos para matar civis que eles controlam e não terão habilidade para matar civis que o governo controla.

Quando o objetivo terrorista é controle social, a melhor resposta é fortalecer a força da lei.

Provocação: acendendo o fuzil

Um estratégia de provocação é frequentemente usada para perseguir uma mudança de regime e mudança territorial. É desenhada para persuadir a audiência doméstica que o alvo de ataques é o mal, não confiável e deve ser vigorosamente resistido. Organizações terroristas buscando substituir um regime se deparam com um significativo desafio: eles são frequentemente muito mais hostis ao regime que a maioria dos cidadãos do estado. Para ter sucesso, portanto, a organização terrorista deve primeiro convencer cidadãos moderados que seu governo necessita ser substituído ou que a independência do governo central é o único caminho aceitável.

Provocação ajuda a mudar o suporte dos cidadãos do regime encarregado. Numa estratégia de provocação, os terroristas buscam induzir o governo alvo em uma resposta militar que atinja civis dentro do território da organização terrorista. O propósito é para convencê-los que o governo é tão ruim que os objetivos radicais dos terroristas são justificados e o suporte da organização seja garantido.

Provocação, dessa forma, é uma forma dos terroristas de forçar um governo inimigo a revelar informação sobre si mesmo que ajude a organização a recrutar membros adicionais.

Condições favoráveis à provocação: restrições para retaliação e tipo de regime são novamente importantes em determinar quando a provocação é eficiente. Para que a provocação funcione, o governo deve ser capaz de mediar meios de brutalidade. Um governo desejoso e capaz de cometer genocídio faz um alvo ruim para provocação, já que a resposta irá destruir a estrutura que os terroristas representam. Pelo outro lado, um governo tão comprometido com os direitos humanos e as regras da lei que é incapaz de infligir punições indiscriminadas também faz um alvo ruim, pois não pode ser provocado.

Se o governo alvo é capaz de eliminar a liderança de uma organização terrorista e seus operacionais, o terrorismo é passível de ser reduzido ou cessado, mesmo que danos colaterais radicalize moderados até certo ponto.

Democracias tendem a ser mais suscetíveis à provocação do que regimes não democráticos. Populações que sofreram com violência terrorista irão naturalmente querer que seu governo tome ações para parar com o terrorismo. Infelizmente, muitas das mais discriminatórias ferramentas do contra-terrorismo como a infiltração em células terroristas, compartilhar inteligência com outros países e prender indivíduos não são visíveis aos públicos que essas ações servem para proteger.

Melhores respostas para provocação:

A melhor resposta para provocação é uma estratégia discriminatória que inflija o mínimo dano colateral possível. Países deveriam caçar e destruir os terroristas e seus imediatos sustentadores para reduzir a possibilidade de futuros ataques terroristas, mas eles precisam cuidadosamente isolar esses alvos da população em geral, que pode ou não ser simpatizante dos terroristas. Esse tipo de resposta discriminatória requererá capacidades de inteligência superiores.

Pilhagem: sabotando a paz

O objetivo da estratégia de pilhagem é para garantir que aberturas de paz entre os líderes moderados no lado terrorista e o governo alvo não tenham sucesso. A estratégia funciona pelo jogo da desconfiança entre esses dois grupos e tem sucesso quando ambos ou uma das partes falha em sinalizar ou implementar um acordo. É frequentemente empregado quando o objetivo é final é a mudança territorial. Terroristas comprometidos com uma estratégia de pilhagem quando as relações entre os dois inimigos estão melhorando e acordos de paz ameaçam os terroristas a atingirem seus objetivos. Um estratégia de pilhagem funciona pela persuasão do inimigo de que quem modera no lado terrorista não pode ser confiável para sustentar um acordo de paz.

Ataques terroristas são criados para persuadir um grupo alvo de que a oposição que parece moderada com quem foi negociado um acordo não vai ou não consegue parar o terrorismo e assim não pode ser confiável para honrar um acordo.

Atos terroristas são particularmente efetivos durante as negociações de paz já que os partidos de oposição são naturalmente desconfiam e desmerecem os motivos uns dos outros e têm fontes limitadas de informações sobre as intenções um do outro. No entanto, mesmo que os líderes moderados estejam tentando agressivamente suprimir os terroristas do outro lado, os terroristas sabem que violência isolada pode mesmo assim convencer o governo alvo a recusar o acordo.

Condições favoráveis para pilhagem: terroristas perseguindo uma estratégia de pilhagem são mais passíveis de sucesso quando o inimigo percebe os moderados ao seu lado como fortes e assim mais capazes de suspender o terrorismo. Quando um ataque ocorre, o alvo não consegue estar certo se os moderados do outro lado podem suprimir seus próprios extremistas mas escolhem não fazê-lo ou são fracos e sem habilidade para fazê-lo.

Melhores respostas para pilhagem: quando a confiança mútua é alta, um acordo de paz pode ser implementado mesmo que os atos terroristas continuem e as potenciais vulnerabilidades que o acordo pode criar. Confiança, porém, é raramente alta após longos conflitos, e é por isso que os pilhadores podem atacar com uma chance razoável de que seu ataque seja um sucesso. Estratégias que constroem confiança e reduzem a vulnerabilidade são, assim, a melhor resposta para a pilhagem. A vulnerabilidade emerge em processos de paz de duas formas. Vulnerabilidades simétricas ocorrem durante a

implementação de um acordo porque ambos os lados baixam a guarda. Mas as vulnerabilidades também podem ser de longo prazo e assimétricas.

Outbidding: zealots versus sellouts

Outbidding surge quando duas condições-chave aparecem: dois ou mais partes domésticas estão competindo pela liderança do seu lado e a população em geral está incerta sobre qual dos grupos representam seus interesses.

Se os cidadãos tivessem completa informação sobre as preferências dos grupos em competição, uma estratégia de outbidding seria desnecessária e ineficaz, os cidadãos iriam suportar aquele grupo alinhado melhor alinhado com seus próprios interesses. Na realidade, porém, os cidadãos não podem ter certeza que o grupo competindo pelo poder representa seus interesses. O grupo poderia ser um defensor forte e resoluto da causa (zealots) ou patetas fracos e ineficientes do inimigo (sellouts). Se os cidadãos derem suporte aos zealots, escolhem um campeão mas há um risco de que eles sejam dragados em um confronto com o inimigo que eles acabariam perdendo. Se os cidadãos dão suporte aos sellouts, eles conseguem a paz, mas ao preço de aceitar o pior resultado que poderia ser atingido com luta armada adicional. Grupos competindo por poder tem um incentivo de sinalizar se são sellouts ou zealots. Ataques terroristas podem fazer esse papel de sinalização que um grupo tem a vontade de continuar a luta armada apesar de seus gastos.

Três razões ajudam a explicar porque os grupos tendem a ser recompensados por serem mais militantes do que menos. Primeiro, em contextos de barganha,, é frequentemente útil ser representado por um agente que é linha-dura. Agentes linha dura irão rejeitar acordos que o forcem o adversário a fazer melhores ofertas que se conseguiriam com uma representação de si mesmo na negociação.

Segundo, incerteza também pode existir de acordo com o tipo de adversário que a população e seus grupos competidores estão enfrentando. Se a população acredita que há alguma chance que seu adversário não é digno de confiança (não irá se comprometer sob nenhuma condição) aí eles sabem que o conflito será inevitável, no caso, ser representado por zealots pode ser vantajoso.

O terceiro fator que pode favorecer outbidding é que se tornando poder oficial o grupo pode estar exposto a incentivos para entreguismo. Aqui, o problema está nos benefícios que os grupos receberão quando se tornarem poder oficial. Cidadãos temem que seus líderes, quando no poder, podem trair importantes princípios e decidirem a acordar com o inimigo em termos desfavoráveis.

Organizações terroristas exploram essa incerteza usando violência para sinalizar seu comprometimento com a causa. Um interessante aspecto da estratégia de outbidding é que o inimigo somente é tangencialmente relacionado à interação estratégica. De fato, um ataque motivado por outbidding pode nem ser desenhado para atingir algum objetivo ligado ao inimigo. O processo é quase inteiramente ligado com o sinal que ele manda para as audiências domésticas incertas sobre sua própria liderança e seu comprometimento com a causa.

Condições favoráveis para outbidding:

Outbidding será favorável quando múltiplos grupos estão competindo pela assimilação da mesma base de suporte demográfico.

Melhor resposta ao outbidding:

Uma solução ao problema de outbidding seria eliminar a luta pelo poder encorajando os grupos em competição a consolidar uma oposição unificada. Se a competição entre os grupos de resistência é eliminada, o incentivo para outbidding também desaparece. Um alternativa para o governo perseguir em face ao outbidding é validar a estratégia escolhida por grupos não violentos garantindo a esses concessões e buscando satisfazer as demandas de seus constituintes.

Conclusão:

A primeira variável é informação. Já é de senso comum que o front central para a guerra de contra-insurgência é o front da informação. A mesma é verdade sobre o terrorismo. Sinalização custosa é inócua se há incerteza na parte receptora do sinal. Atrição é desenhada para convencer o alvo que os custos de manter a política não valem os ganhos; se o alvo já sabia disso, eles cederiam o a questão sem antes um ataque ser lançado. Provocação é desenhada para forçar o alvo em retaliação indiscriminada, que persuadirá a população de que o alvo é malévolo. As outras estratégias são similarmente predicadas na incerteza, inteligência, aprendizado e comunicação. Porém, ela enfatiza que o problema do terrorismo não é um problema por si só, mas um de adquirir inteligência e afetar crenças. Com a informação certa, a aplicação própria de força é comparativamente direcionada. A luta conta o terrorismo pode ser mais utilmente pensada como uma luta para completa e disseminar informação confiável em ambientes tomados por incerteza.

A segunda variável mais importante é o tipo de regime – democracias parecem ser bem mais suscetíveis a estratégias de atrição e provocação. Nossa análise sugere que democracias são mais passíveis de sentirem os custos dos ataques terroristas, para garantir concessões aos terroristas bem como para limitar futuros ataques, para ser constrangidos em suas habilidades de perseguir uma comprida campanha de atrito contra uma organização, mas também de estar sob grande pressão de “fazer algo”.

Abrahms, Max (2008) “What Terrorists Really Want – Terrorist Motives and Counterterrorist Strategy”

Tese do autor: sem determinar os objetivos é contraproducente tentar qualquer estratégia contra-terrorista.

Visão tradicional (Leia-se Walter, Diniz e outros): Terroristas são atores **racionais** que atacam civis para **atingir metas políticas**. Por isso, os terroristas seriam **maximizadores de utilidade**; usa-se o terrorismo quando se espera ganhos políticos subtraídos dos custos esperados de uma outra forma alternativa de protesto.

As estratégias contra-terroristas existentes são desenhadas para derrotar o terrorismo por meio da redução de sua utilidade política. A estratégia mais comum é, portanto, mitigar o terrorismo através da diminuição dos benefícios políticos via uma política de não concessões; ou então diminuindo os prospectos de obtenção de benefícios por apaziguamento; ou ainda, por meio da não violência via promoção da democracia.

O autor questiona estes pontos, afirmando que a diminuição da utilidade política nos atos de terror irão funcionar dependendo do fato dos terroristas serem realmente atores racionais que atacam civis para atingir metas políticas ou não. Ou seja, o que o autor busca evidenciar é que se usarmos o modelo da racionalidade do ator e, por conseguinte, considerarmos os terroristas atores dotados de racionalidade,

então o modelo tem sentido. Mas se estes não forem, como ele busca demonstrar, então este modelo está fadado ao fracasso e a ameaça terrorista não acabará.

Este modelo clássico é também conhecido como “modelo estratégico” e está baseado em três premissas fundamentais: 1) terroristas são motivados por preferências políticas relativamente consistentes e estáveis; 2) terroristas avaliam os ganhos políticos esperados tendo em vista as opções disponíveis, ou pelos menos as mais óbvias; e 3) terrorismo é adotado quando o retorno político esperado é superior a estas opções alternativas.

Os registros sobre o comportamento dos grupos terroristas não encaixam em algumas dessas três premissas. Sete tendências comuns das organizações contradizem essas premissas.

Para o autor, o “modelo estratégico” sub-especifica a estrutura de incentivo terrorista. Para ele, os terroristas são atores racionais que usam o terrorismo fundamentalmente para desenvolver laços afetivos fortes com companheiros terroristas. Deste modo, a estratégia de combater o terrorismo por meio da diminuição dos benefícios políticos advindos da ação falhará em diminuir a ameaça. O que este autor propõe é: **terroristas lutam mais para criar laços de afetividade entre eles do que necessariamente para se atingir fins políticos.**

O Modelo Estratégico

Agentes racionais são aqueles que: 1) possuem preferências estáveis e consistentes; 2) comparam os custos e os benefícios de todas as opções disponíveis; e 3) selecionam a opção ótima, ou seja, aquela que maximiza resultados. As Teorias de Decisão modernas reconhecem que os tomadores de decisão enfrentam restrições cognitivas e informacionais.

Desta forma, o modelo estratégico supõe que os terroristas são motivados por objetivos políticos estáveis e consistentes, que é codificada na plataforma política da organização terrorista.

Segundo, o modelo estratégico pressupõe que o terrorismo é um “curso de ação calculado” e que a “eficácia é o primeiro padrão pelo qual o terrorismo é comparado com outros métodos de se atingir metas políticas”. Especificamente, o modelo pressupõe que os grupos pesam suas opções políticas e somente recorrem ao terrorismo depois de perceber que os outros caminhos políticos estão bloqueados. Segundo o autor, evidências não confirmam que o terrorismo é uma estratégia de último caso e que, na verdade, os grupos terroristas refletidamente evitam alternativas políticas não-violentas.

Terceiro, o modelo estratégico pressupõe que a decisão de usar o terrorismo é baseado na “lógica da consequência”, ou seja, sua efetividade política relativa às opções alternativas. Especificamente, pressupõe que as organizações terroristas alcançam suas plataformas políticas pelo menos algumas vezes atacando civis; que eles possuem “expectativas razoáveis” das consequências políticas de usar o terrorismo baseado em seus registros prévios de efetividade coercitiva; e que eles abandonam o conflito armado quando eles falham em obter concessões políticas ou quando opções políticas manifestadamente superiores aparecem.

Existem sete desafios que ameaçam as premissas do modelo estratégico e a idéia de que os grupos terroristas são formadas por pessoas racionais que são motivadas fundamentalmente a atingir as metas políticas da organização.

1) organizações terroristas não atingem suas metas políticas originais atacando civis; 2) organizações terroristas nunca usam terrorismo como último recurso e raramente agarram as oportunidades de se tornarem partidos políticos não-violentos; 3) organizações terroristas rejeitam propostas de compromissos

políticos oferecidas pelo governo-alvo; 4) organizações terroristas tem plataformas políticas multiformes; 5) organizações terroristas geralmente realizam ataques anônimos, não dando a oportunidade aos Estados-alvos de fazer concessões políticas; 6) organizações terroristas com plataformas políticas idênticas geralmente atacam umas as outras mais que seu inimigo comum; e 7) organizações terroristas resistem à debandada quando eles falham em atingir sua plataforma política ou quando suas queixas políticas são resolvidas.

Desafio 01 – Ineficácia Coercitiva

No modelo estratégico, pessoas participam de um grupo terrorista porque estão comprometidas em alcançar suas plataformas políticas. O modelo estratégico é explícito quanto ao sucesso de um grupo terrorista estar ligado ao atingimento de seus objetivos políticos. O grande desafio a este modelo é que as organizações raramente atingem suas demandas políticas atacando civis. Ataques terroristas a civis tem historicamente fortalecido os linhas-dura que se opõe a eles. Por esta razão, ataques dessa natureza fecham –e não abrem – o espaço de barganha entre o que o grupo terrorista demanda e o que o Estado-alvo está disposto a oferecer.

Desafio 02 – Terrorismo como o primeiro recurso

O modelo estratégico pressupõe que grupos se tornam terroristas após pesar suas opções políticas e determinar que elas estão bloqueadas. Deriva-se deste modelo a percepção então de o terrorismo é um “último recurso”, uma “escolha restringida” imposta pela ausência de alternativas políticas. Na realidade, grupos terroristas não abraçam o terrorismo como última alternativa e raramente abandonam o confronto armado para se tornar partidos não-violentos.

Grupos terroristas nunca carecem de alternativas políticas. Muitos estudos mostram que somente os Estados totalitários e opressivos estão imunes ao terrorismo e, que o número de organizações terroristas operando em um país está positivamente associado com a liberdade de expressão, de reunião e associação – condições para a ocorrência da mudança política pacífica. O “paradoxo do terrorismo” é que os grupos terroristas tendem a atacar sociedades com um enorme número de alternativas políticas, não as com menos.

Relativamente poucas organizações terroristas abandonaram o confronto armado para se tornar partidos políticos normais. Mais comumente, organizações terroristas labutam lado a lado com partidos pacíficos, recusam-se a baixar suas armas após participar de eleições nacionais, ou sabotam eleições abertas que poderiam trazer maiores ganhos políticos para o grupo. De várias formas, estratégias não-violentas são consideradas mais efetivas politicamente, mas organizações terroristas tendem a manter, de uma forma ou de outra, o caminho da resistência armada.

Desafio 03: Terroristas Reflexivamente Não Comprometidos

Organizações terroristas são caracterizadas por uma “intransigente recusa a comprometer-se” É muito mais comum para eles desviar-se de negociações do que abandonar seus ataques. De fato, nenhum processo de paz conseguiu transformar uma organização terrorista ampla em um partido político não-violento. Os proponentes do modelo estratégico afirmam que os terroristas estão agindo racionalmente ao se opor ao compromisso porque sua preferência política é inerentemente extrema, impedindo uma solução aceitável na barganha com o Estado-alvo. Segundo, o autor, este argumento é falho.

Em primeiro lugar, terrorismo é um extremismo de meios e não de fins. Muitos grupos terroristas professam posições políticas surpreendentemente moderadas. Robert Pape aponta que os objetivos políticos terroristas, mesmo os que empregam terrorismo suicidas, costumam ser bem comuns. Comuns

do ponto de serem semelhantes a daqueles nacionalistas de suas comunidades. Organizações terroristas raramente se comprometem a negociar mesmo quando essas negociações podem satisfazer uma porção significativa de suas queixas políticas.

Para o modelo estratégico, mesmo quando um grupo terrorista é motivado por preferências políticas extremas, um acordo é sempre preferível em relação a um impasse político. Em suma, a teoria da barganha postula que um curso de ação racional é o comprometimento político – mesmo quando isso significa assegurar só parcela das concessões ao invés de continuar sob um impasse – mas raramente isso acontece, na visão do autor.

Desafio 04 – Plataformas Políticas Multifórmes

O modelo estratégico postula que organizações terroristas são relativamente estáveis e consistentes em suas metas e isso reflete em sua plataforma política. Na visão do autor, as organizações terroristas geralmente tem plataformas políticas multifórmes. O que o autor quer dizer é que organizações terroristas quase sempre perseguem metas políticas instáveis, mesmo inconsistentes, minando a suposição que os membros do grupo são motivados por uma consistente e estável função codificada na plataforma política da organização.

Desafio 05 – Ataques Anônimos

O modelo estratégico considera que o terrorismo é baseado na lógica da consequência, especificamente, na habilidade de obter concessões políticas por meio da coerção junto ao Estado-alvo. A questão é que a lógica da coerção pressupõe o conhecimento da parte que está sendo coagida. O desafio ao modelo estratégico está justamente na percepção de que na maior parte do tempo as organizações terroristas não apresentam demandas políticas e muito menos buscam levar crédito por seus ataques.

Agrega-se a isto a questão de que muitas vezes, mesmo o grupo assumindo a autoria de um ato, não há qualquer divulgação de uma demanda política específica. Como aponta Schelling: usualmente não há nada a se negociar. Os perpetradores não pedem nada e não demandam nada. Em suma, o modelo estratégico postula que o terrorismo é um efetivo instrumento de coerção. Para o autor, isso não é verdade pois muitas vezes não há demandas e nem preferências políticas colocadas às claras.

Desafio 06 – Fratricídio Terrorista

O modelo estratégico postula que terroristas são motivados por uma utilidade consistente que reflete em sua plataforma política. Porém, como destaca o autor, organizações terroristas muitas vezes engajam em guerras de aniquilação com outros grupos cuja plataforma política seja semelhante, antes mesmo de buscar atacar seu inimigo primário.

Desafio 07 – Terrorismo Sem Fim

O modelo estratégico aponta que grupos terroristas desistem ou renunciam ao terrorismo quando falham continuamente em avançar em suas plataformas políticas. Desta forma, para esta teoria, a violência tenderia a cessar quando as queixas do grupo forem sanadas. O desafio para o modelo está justamente na noção de que os grupos resistem à desistência mesmo quando parcela de suas queixas deixa de existir ou é resolvida. Para o autor, quando a racionalidade política está perdendo relevância, organizações terroristas costumam inventar outra.

O que os terroristas realmente querem

O autor propõe que as pessoas se tornam terroristas não para atingir a agenda política declarada pela organização mas para desenvolver laços afetivos fortes com outros membros do grupo terrorista. Ou seja, pessoas participam de grupos terroristas devido à solidariedade social, não por seu retorno político. O modelo do sistema natural, uma das abordagens da teoria das organizações, postula que pessoas participam em organizações não para atingir metas oficiais, mas para experimentar solidariedade social com outros membros.

No modelo clássico, membros participam de uma organização somente para atingir as metas declaradas da organização. No modelo dos sistemas naturais, e segundo Barnard, o incentivo mais importante no caso é o que ele chama de “condição de comunhão”, o senso de solidariedade de participar de uma coletividade social.

O modelo dos sistemas naturais enfatiza que organizações irão agir para perpetuar sua existência – mesmo quando fazendo isto se firmam os objetivos oficiais – se seus membros acreditem na importância dos benefícios sociais gerados pela organização.

Se as pessoas participam de organizações terroristas fundamentalmente para atingir solidariedade social, pode-se esperar que: 1) no nível individual as pessoas sejam mais atraídas pelo desenvolvimento de laços afetivos fortes do que pelas metas políticas da organização; e 2) que no nível organizacional, os grupos terroristas engajem em ações para preservar a unidade social, mesmo quando isso impeça o atingimento de suas metas políticas oficiais.

Terroristas como perseguidores da solidariedade social

Indivíduos participam de organizações sociais não para atingir suas plataformas políticas, mas para desenvolver laços afetivos fortes com seus companheiros terroristas. Dados demográficos mostram que a grande maioria das organizações terroristas é composta por homens solteiros ou viúvas que não eram empregados antes de se unirem a eles. As organizações terroristas são repositórios de pessoas que estão deslocadas de suas terras natal, longe de suas famílias, amigos e etc. Muitos deles engajam por ter um amigo ou parente no grupo.

A maioria dos terroristas nestes grupos participam do confronto armado para melhorar seu relacionamento com outros terroristas ou para reduzir o senso de alienação da sociedade. Muitos terroristas, ainda, nunca desenvolvem um entendimento suficiente dos propósitos políticos de suas organizações.

As organizações terroristas focam seu recrutamento em indivíduos socialmente isolados, não naquelas pessoas que demonstram comprometimento com um dada causa política. Por isso, o autor afirma que as organizações terroristas são particularmente atrativas para aqueles que buscam solidariedade. Mesmo quando a organização terrorista falha em atingir sua plataforma política, atos de comprometimento dos terroristas levam à geração de novos recrutas, elevação do moral e fortalecimento da unidade social.

Por fim, há evidências que demonstrem que as organizações terroristas colapsam quando param de ser coletividades sociais desejáveis de se fazer parte. Rapoport demonstra que organizações terroristas tendem a debandar quando seus membros envelhecem, cansam-se da confrontação armada, e o grupo deixa de ser atrativo à novas gerações (falha na transição de gerações).

Os Desafios Revisitados

Os sete desafios demonstraram que as organizações terroristas se comportam mais como maximizadores de solidariedade social do que maximizadores políticos. O modelo dos sistemas naturais prediz que as

organizações terroristas engajaram-se rotineiramente em ações para perpetuar e justificar sua existência mesmo quando solapa a agenda política oficial.

Implicações Contra-terroristas

A estratégia contra-terrorista mais comum é desenhada para reduzir o terrorismo a partir da diminuição de sua utilidade política. A estratégia predominante, portanto, é deter o terrorismo diminuindo a utilidade política via medidas estritas de não concessão. Outra estratégia comum é a promoção da democracia, que é conduzida de forma a dar mais poder aos cidadãos para endereçar seus problemas políticos de forma pacífica. O autor reafirma sua idéia de que não adianta estas estratégias na medida que o que os terroristas querem é reafirmar seus laços de solidariedade e que eles não irão debandar por causa de alternativas pacíficas ou por atingir parcela de seus objetivos.

Restam portanto duas possibilidades: 1) tentar antecipar as possíveis pessoas e suas relações de forma a descobrir as ligações, elos e redes que formam em volta do grupo terrorista. Deve-se prestar atenção em pessoas e grupos potencialmente marginalizados socialmente; 2) tentar minar os laços de identidade entre os membros do grupo. Uma alternativa é inserindo agentes duplos. A outra é tentar minimizar os efeitos colaterais tais quais: deslocamento, isolamento social e sentimentos de vingança. Isso diminuiria os benefícios sociais advindos de se fazer parte de uma organização como estas.